



LUCIANO VIVEIROS: ajudando a escrever um capítulo na história do GTP

Um anúncio de vaga em um jornal de grande circulação, levou o advogado carioca Luciano Viveiros ao GTP. O ano era 1989: um período conturbado da história brasileira, com fortes turbulências sociais e econômicas, e às vésperas da primeira eleição direta para Presidente da República em décadas. Foi neste cenário que Viveiros adentrou o setor de prestação de serviços e ajudou a escrever um capítulo da história do GTP.

Conte-nos um pouco sobre sua experiência no Grupo:

Viveiros: Estive à frente da gerência de Recursos Humanos e Jurídica, que funcionavam interligadas e sob a mesma gestão. O Brasil, na época, era governado por José Sarney, primeiro presidente civil após 20 anos de ditadura e o país se preparava para sua primeira eleição direta, no ano seguinte, da qual sairia vencedor Fernando Collor de Mello. Todas estas circunstâncias provocaram fortes turbulências no país, o que resultou entre outros, em escassez de mão-de-obra.

Então já havia dificuldades para recrutar profissionais na época?

Viveiros: Sim. Para recrutarmos

era preciso agir com muita criatividade. Colocávamos veículos nos locais de maior concentração humana, como a Praça da Sé, no centro de São Paulo, para selecionar pessoal. Ao mesmo tempo, negociávamos com os sindicatos formas de garantir a manutenção dos empregos com salários justos. Foi assim que surgiram benefícios como o vale-refeição, vale-farmácia e cesta básica, que até hoje compõem a renda de muitos trabalhadores.

Há algum acontecimento que lhe marcou neste período?

Viveiros: Sim. Em uma das muitas reuniões que tivemos com os funcionários na época, em meio a um período difícil de greves e paralisações, houve uma ocasião em que argumentei junto aos trabalhadores. Disse a todos que o sr. Franklin (diretor-presidente do GTP) era como o pai de uma "grande família", da qual dependiam mais de 5 mil pessoas. E que lutava contra um emaranhado de impostos que corroíam a folha de pagamento e em favor da valorização do trabalho, como forma de garantir o sustento de todos os envolvidos. Por um minuto, convoquei todos a se colocarem no lugar de um pai de família e refletir o quanto é complicado manter o pão

nosso de cada dia. Após 10 minutos de silêncio, assistimos sem reação à volta ao trabalho dos colaboradores que estavam em greve em uma de nossas unidades. Naquele momento, fiquei muito emocionado.

Qual foi sua trajetória após sair do GTP?

Viveiros: Após 10 anos em São Paulo, resolvi deixar a empresa em 1992 para voltar ao Rio de Janeiro, e me dedicar aos estudos e à advocacia, além de auxiliar minha mãe nos cuidados que dedicava ao meu pai doente. Concluí minha pós-graduação e mestrado, e hoje leciono Direito do Trabalho para diversas universidades do Rio de Janeiro. Também publiquei seis livros e advoغو em meu próprio escritório, trabalho que pode ser melhor conhecido em www.lucianoviveiros.com. No lado pessoal, sou casado com Andrea e pai de Amanda, de 26 anos, e Arthur, de 18.

O que tem a dizer sobre o GTP?

Viveiros: Na hora de contratar uma empresa de limpeza ou vigilância, observo que meus clientes costumam optar por aquela que há mais tempo está no mercado. O GTP tem história e isto é fundamental para a garantia de bons serviços.